

A INFLUÊNCIA DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO EM UM PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

Cristiano Ribeiro dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Lorena Lima Figueiredo Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Dra. Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Objetiva-se, neste artigo, investigar quais elementos das condições de produção textual influenciam os escreventes durante o processo de composição de um resumo escrito na esfera acadêmica e de que maneira esses elementos estão presentes na produção. Para Bakhtin (1997), o uso da língua está relacionado às diversas esferas da atividade humana e a utilização da língua acontece em forma de enunciados (orais ou escritos) que carregam “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Ancorados nesse pressuposto, observa-se uma dupla de estudantes do Curso de Ciência da Computação, durante a escrita conjunta de um resumo do texto “Os pássaros, a canção e a pressa”, escrito pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Analisa-se dados processuais desse texto – gravação e transcrição do diálogo mantido pela dupla de estudantes durante a elaboração textual, como também dados de uma entrevista realizada com as escreventes uma semana após a elaboração. Os dados mostram as etapas seguidas pelos escreventes durante a escrita de seu texto. A pesquisa fundamenta-se principalmente nos conceitos de Marcuschi (2001) e Matencio (2002; 2003) sobre retextualização. Sobre as condições de produção no processo de composição textual, tem-se como base principalmente os postulados de Koch (2002; 2015), Bakhtin (1997) e Dell’Isola (2007). Através das análises realizadas, constata-se que as condições de produção textual presentes no processo de elaboração do resumo exercem grande influência sobre o enunciador durante a construção do enunciado.

Palavras chave: Condições de produção. Gênero resumo. Retextualização.

Introdução

O comportamento do usuário da língua é dirigido pela situação contextual que o influencia. Para Bakhtin (1997), o uso da língua ocorre dentro das diversas esferas da atividade humana, sendo a utilização dessa língua em forma de enunciados (orais ou escritos) relativamente estáveis, os quais são chamados, pelo filósofo russo, de gêneros do discurso. Os gêneros atuam em “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas”

(BAKHTIN, 1997, p. 279). Diferentemente do olhar da Linguística que considerava apenas a perspectiva do locutor na função interativa da linguagem, o russo valoriza a participação do(s) ouvinte(s) na comunicação social, dentro de um dado momento, lugar e contexto sociocultural, compreendendo que cada situação de interatividade linguageira, cada esfera comunicativa, exigirá um tipo apropriado de enunciação.

Com base nesse pressuposto, objetivamos, neste artigo, investigar quais elementos participantes das condições de produção textual exercem influências sobre os escreventes durante o processo de elaboração de um resumo escrito na esfera acadêmica e de que maneira esses elementos estão presentes nessa produção textual. Entre os elementos contextuais envolvidos no processo, destacamos o meio de circulação, a adaptação ao gênero discursivo, a posição que ocupam os locutores, os conhecimentos partilhados entre eles e a importância do interlocutor.

Para tanto, observamos uma dupla de estudantes do Curso de Ciência da Computação durante a elaboração conjunta de um resumo do texto “Os pássaros, a canção e a pressa”, escrito pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Foram analisados dados processuais desse texto – gravação e transcrição do diálogo mantido pela dupla de estudantes durante a elaboração textual, como também dados de uma entrevista realizada com ela uma semana depois da elaboração. Esses dados mostram as etapas processuais seguidas pelos escreventes durante a escrita de seu texto. A pesquisa fundamenta-se principalmente nas considerações de Marcuschi (2001) e Matencio (2002; 2003) sobre retextualização, para quem retextualizar é mudar um texto de um “lugar” para outro, deslocando, alterando, modificando, mexendo na sua estrutura original. Sobre as condições de produção no processo de composição textual, tem-se como base os postulados de Koch (2002; 2015), Bakhtin (1997), Marcuschi (2001), Bentes (2008) e Dell’Isola (2007).

1 Retextualização: a arte de transformar textos

Baseados principalmente nos conceitos de Marcuschi (2001) e Matencio (2002; 2003) sobre retextualização, podemos afirmar que retextualizar é fazer um tipo de “transposição textual”, ou seja, mudar um texto de um “lugar” para outro, deslocar, alterar, modificar, mexer na estrutura original.

Para analisar o processo de mudança da fala para a escrita, Marcuschi (2001, p.93) utiliza o termo “transforma” como sinônimo de “retextualiza”, reafirmando sua concepção de

retextualização como sendo um processo de transformação, visão já antes apresentada pelo pesquisador: “Esta passagem [do texto falado para o escrito] ou transformação é uma das formas de realizar o que denomino *retextualização*” (MARCUSCHI, 2001, p.46). O mesmo autor, ao diferenciar a atividade de retextualização da tarefa de transcrição, sinaliza o poder de interferência variante que a retextualização exerce sobre o texto original, ao afirmar que “[...] no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem” (MARCUSCHI, 2001, p.49). Em outro momento, Marcuschi (2001, p.62) explicita que nesta atividade de transformação “haverá, em consequência, mudanças de conteúdo.” Fica claro que a retextualização é um processo de transformação de um texto.

Matencio define retextualização como a “produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base [...]” (MATÊNCIO, 2003, p.1). Isso significa que o texto base que passou pelo processo de transformação sofreu mudanças tão significativas que deixou de ser o texto original e passou a ter novas configurações. Sua estrutura foi deslocada, alterada, modificada, ou seja, o texto mudou de um “lugar” para outro, e isso acontece de acordo com os propósitos e necessidades do transformador. Nesta visão, Matencio reforça “que toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito” (MATENCIO, 2002, p. 112).

Vale salientar que o processo de retextualização não pode ser pensado sem a inclusão do processo de reescrita, já que para alcançar o primeiro é necessário passar pelo segundo. Quem retextualiza, obrigatoriamente reescreve. Para Marcuschi (2001), as atividades de retextualização e de reescrita não são a mesma coisa. O autor compreende que retextualizar é passar de uma modalidade para outra, enquanto reescrever é atuar sobre o mesmo texto. Podemos compreender a reescrita, portanto, como um subprocesso da retextualização, noção discutida por Andrea e Ribeiro (2010). Os autores asseveram que “toda retextualização é reescrita, mas nem toda reescrita gera uma retextualização” (ANDREA, RIBEIRO, 2010, p.66). Apesar de Andrea e Ribeiro não pretenderem posicionar reescrita e retextualização em uma ordem hierárquica, é possível identificar a reescrita como um subprocesso da retextualização, já que em uma escalada para alcançar a retextualização (o todo do processo) é necessário passar pela reescrita; já o caminho contrário não é possível. Esse fato, contudo, não deprecia o valor da reescrita no todo do processo de transformação. Na metáfora corporativa, por exemplo, a cabeça está colocada, em ordem hierárquica, em uma posição de prestígio. Isso, porém, não diminui a importância dos principais membros do corpo, sem os quais o

corpo não funcionaria. Colocar a retextualização em posição de prestígio no processo de transformação não significa que ela seja capaz de funcionar sem a importância da reescrita.

2 Condições de produção

A atividade de composição de texto acontece tendo envolvidos em seu processo de construção três unidades de operações: cognitivas, sociointeracionais e textualizadoras (Koch, 2015). A primeira é composta por características internas, e as outras duas de atributos externos. Portanto, não podemos deixar de observar, também, os fatores externos que determinam as escolhas feitas pelo escrevente no ato de produzir o texto. Estes fatores externos são as condições de produção. As condições de produção abarcam o meio de circulação e modos de produção e recepção do texto, fatores que determinam a sua composição. Não é possível para o escrevente produzir um texto sem receber a influência de tudo aquilo que contextualmente lhe envolve, principalmente seu interlocutor, que é parte fundamental na construção da atividade languageira.

Para Bakhtin (1997), o uso da língua está relacionado às diversas esferas da atividade humana e a utilização desta língua acontece em forma de enunciados (orais ou escritos) que carregam “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” e são compostos por três elementos indissociáveis: conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 1997, p.279). De acordo com o teórico, toda palavra “constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1986, p.113 *apud* Bentes, 2008, p.255). O russo se contrapõe ao postulado da Linguística do século XIX sobre as funções interativas da linguagem, que considerava apenas a perspectiva do locutor, e valoriza a participação do(s) ouvinte(s) na interação comunicativa em um dado momento, lugar e contexto sociocultural. O autor compreende que cada enunciado pode ser considerado na sua individualidade, mas cada ambiente de uso da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados e a estes tipos o autor denomina de gêneros do discurso. Assim, cada situação de interatividade languageira, cada esfera comunicativa, exigirá um tipo apropriado de enunciação.

Koch (2015) denomina de “estratégias interacionais” o comportamento do usuário da fala frente à situação contextual influenciadora, e acrescenta: “são estratégias socioculturalmente determinadas que visam estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal” (KOCH, 20015, p.39). Já Marcuschi, em resposta a uma pergunta exposta por Taylor e Cameron (1987) sobre como os falantes estruturam seus enunciados para se

tornarem comunicáveis, afirma que, para respondê-las, “[...] os critérios não seriam dados pela gramática e sim pelo contexto da interação. Os critérios seriam interacionais, ou seja, [...] são os usos que fundamentam a língua e não o contrário” (MARCUSCHI, 2001, p.60). Mais à frente, o autor reforça que “a língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa [...]” (MARCUSCHI, 2001, p.125).

Bentes (2008), por sua vez, fazendo uma reflexão dos estudos realizados no campo da Linguística de Texto, afirma que o contexto (situação de comunicação) é “entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos” (BENTES, 2008, p.251). Assim sendo, o contexto político-social, os valores e os conhecimentos compartilhados entre os interlocutores são elementos de elevação na construção e compreensão do texto.

Koch (2002) completa a discussão afirmando que, se compreendemos o texto como uma atividade interacional, é imprescindível que se leve em conta a situação contextual dos sujeitos sociais que constituem os interlocutores. Assim, deve-se considerar a “trindade” envolvida na construção do texto, qual seja: as operações linguísticas, os processos cognitivos e o contexto social dos interlocutores e seus papéis sociais, que levam em conta: a identidade, o lugar, a pretensão, as crenças e valores do produtor do texto; a identidade, a posição, as crenças e valores do receptor; assim como também as informações, as crenças e valores compartilhados pelos interlocutores; por fim, o grau de formalidade exigido e o meio de circulação do texto. Em outro momento, a autora considera que na construção do texto há estratégias estabelecidas pelo produtor, as quais ela denomina de “estratégias textuais”, que “dizem respeito às escolhas textuais que os interlocutores realizam, desempenhando diferentes funções e tendo em vista a produção de determinados sentidos” (KOCH, 2015, p.40).

Tomando como base estas assertivas, podemos afirmar que, na esfera acadêmica, existe um tipo apropriado de enunciado exigido nesta situação comunicativa, que não pode ser desconsiderado pelo produtor do texto. Para Dell’Isola (2007), deve-se levar em conta a “adequação de um texto a determinada situação comunicativa” (DELL’ISOLA, 2007, p.17). Reforçando esta ideia, Marcuschi afirma que “[...] uma retextualização não é indiferente aos seus objetivos ou propósitos. Um texto oral transcrito ao ser trabalhado para publicação ou para simples utilização em sala de aula, por exemplo, receberá tratamentos muito diferenciados” (MARCUSCHI, 2001, p.54). Pensando assim, a retextualização no gênero resumo, gênero que recebe nosso olhar mais cuidadoso neste artigo, não está isenta de receber as influências da situação comunicativa que a contextualiza.

De acordo com Matencio (2002), no processo de retextualização deve-se considerar a importância das condições de produção. Para ele, retextualizar:

“trata-se, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira” (MATENCIO, 2002, p.113).

Torna-se evidente que as condições de produção variam de acordo com o gênero textual. No resumo, por exemplo, as influências sociais e históricas que refletem nas opiniões do autor do texto original não têm o mesmo poder influenciador sobre o transformador, pelo fato de que o gênero resumo não permite a emissão de opinião. O produtor do resumo precisa adequar-se à situação comunicativa que o objetivo do gênero discursivo exige. De acordo com Matencio (2003, p.3-4), “o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas no texto base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação”.

Passemos, a seguir, à metodologia adotada para apreensão dos dados processuais que nos servem de análise.

3 Metodologia utilizada para apreensão do processo textual

Para apreendermos o texto em seu *status nascendi*, adotamos alguns procedimentos metodológicos: primeiramente, escolhemos uma dupla de estudantes do curso de Ciências da Computação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista. Elegemos a escrita conjunta com o escopo de gravar em áudio a conversa entre os escreventes durante a construção do texto. Esta gravação nos daria acesso às dúvidas da dupla, seu planejamento, escolhas semânticas e lexicais etc., ao longo do processo de retextualização.

O texto escolhido para a produção do resumo foi o ensaio “Os pássaros, a canção e a pressa”, escrito pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo. A escolha desse ensaio se deu devido à atualidade do assunto, qual seja: o imediatismo da sociedade moderna. O texto foi publicado na revista *Veja*, em 1994, na ocasião da morte de Tom Jobim. Toledo reflete sobre a “indústria da urgência” como um fator resultante dos avanços tecnológicos do século XX, em especial a invenção do celular, que leva as pessoas a terem cada vez mais pressa. O autor

do ensaio ressalta o fato de que, ao contrário da maioria das pessoas, Antônio Carlos Jobim viveu no fluxo contrário a essa pressa, e, exatamente por isso, teria deixado um legado perene. Na atividade proposta, a dupla deveria ler e escrever um resumo sobre o texto do jornalista.

Pedimos aos escreventes que não apagassem as reformulações feitas na primeira versão do resumo que escreveriam, mantendo todas as “rasuras”. Por fim, os estudantes deveriam reescrever o resumo. Esta etapa de construção do texto foi toda registrada em áudio, como dissemos.

Posteriormente, juntamos o rascunho, a versão final e a gravação do momento de produção textual; em seguida, analisamos essa gravação, fizemos anotações de ocorrências envolvidas na conversa mantida entre a dupla, mas que não foram anotadas no texto, também, para, em seguida, entrevistarmos a dupla.

Uma semana após a produção do texto, convidamos os escreventes para uma entrevista, e perguntamos sobre os episódios que nos chamaram a atenção nos dados envolvidos no processo de retextualização. Essa entrevista também foi registrada em áudio.

Depois de todo esse processo inicial, transcrevemos as duas gravações em áudio para trabalharmos com análises linguísticas, tendo em mãos, enfim, um vasto material que pode ser investigado sob diversos ângulos linguísticos.

Passemos, então, à análise dos dados que recortamos para esta investigação.

4 Condições de produção do gênero resumo na esfera acadêmica

Ancorados nas bases teóricas acima explicitadas, procuramos investigar quais elementos participantes das condições de produção textual exercem influências sobre os escreventes, sujeitos da pesquisa, durante o processo de elaboração de um resumo escrito na esfera acadêmica e de que maneira esses elementos estão presentes no texto que escrevem, quais sejam: meio de circulação; adaptação ao gênero discursivo; posição que ocupam os locutores; os conhecimentos partilhados entre eles; a importância do interlocutor, entre outros. Vamos discutir cada um deles.

5 Meio de circulação.

O meio de circulação do gênero discursivo é imprescindível para as escolhas dos escreventes relativas aos objetivos e ao grau de formalidade que serão utilizados na produção do texto. Para Bakhtin (1997), cada ambiente de uso da língua organiza seus modelos

particulares de enunciados. Assim, cada esfera comunicativa exigirá um tipo adequado de enunciação. Considerando esse postulado, podemos entender que um texto produzido em uma universidade terá suas peculiaridades. Vejamos alguns trechos da conversa mantida pela dupla de Ciências da Computação e da entrevista que ela deu aos pesquisadores, que demonstram seu comportamento em uma produção escrita na esfera acadêmica. Começemos pelo excerto 1, a seguir:

M: A gente tem que se prender ao texto pra fazer o resumo né?

ML: Se não me engano, é.

M: Que mais? Tem que citar o autor, de onde veio...

ML: Sim... Exatamente.

Neste excerto, os escreventes planejam quais elementos vão dirigir o texto que está em processo de produção. Os estudantes M e ML iniciam a conversa demonstrando clara preocupação com a construção de um texto cujo gênero discursivo tem características específicas e um objetivo específico: um resumo, que deve se guiar pelo texto base, escrito dentro de uma universidade. Esta preocupação deles está consoante com o pensamento de Matencio (2003), pois, para ela, em uma construção textual como esta “o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas no texto base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação” (MATENCIO, 2003, p.3-4). A mesma autora já havia afirmado em outro momento que, nesse tipo de processo, o novo texto deve “[...] redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, (...) de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira” (MATENCIO, 2002, p.113).

Continuando nossa análise sobre o meio de circulação do texto, apresentaremos no próximo excerto um trecho da entrevista que os escreventes deram aos pesquisadores a esse respeito:

Pesquisador 1: (...) observem o que dizer a respeito do resumo: A gente num pode colocar na introdução: O texto fala sobre Antônio Carlos Jobim, aí, entre parênteses, o intruso. Vocês lembram desse momento? Por que não se podia falar daquele jeito que estavam pensando?

ML: Além de ficar agressivo fica, assim, como se fosse uma conversa, assim, coloquial...

Pesquisador 1: Coloquial.

ML: Não fica muito certinho... Que o texto, ele pede pra ser formal, todo certinho. Só uma conversa entre a gente que pode rolar uns comentários assim.

Pesquisador 1: Muita coisa. Então, não era só isso. Muito bem. Iniciam o segundo parágrafo e escrevem: Como já pontuado anteriormente, Roberto... E dizem: Roberto não. Bota o último nome. Por que colocar o sobrenome do autor e não o nome?

ML: Pra ficar mais formal.

M: É, pra ficar mais formal. Tava muito pessoal Roberto.

ML: Porque Roberto fica muito “Ô, Maone”, muito íntimo.

Pesquisador 1: Muito íntimo.

M: Exato. Aí, era pra dar mais formalidade ao texto.

Nesse excerto da entrevista realizada, ML esclarece o motivo pelo qual algumas reflexões compartilhadas por eles durante a discussão não foram colocados no texto que produziram. Nas palavras de ML: “Que o texto, ele pede pra ser formal, todo certinho. Só uma conversa entre a gente que pode rolar uns comentários assim”. Em outro momento, a dupla esclarece sobre a escolha de colocar o sobrenome do autor no lugar do nome. Segundo M: “era pra dar mais formalidade ao texto”.

Nota-se, nesses dois excertos, a preocupação da dupla em atender às exigências formais que a situação condicionante demanda: um grau de formalidade que lhe é própria. Os escreventes demonstram ter consciência de que estão enunciando dentro de um contexto que não permite outro tipo de variação linguística que não seja a escrita padrão normativa. O comportamento dos escreventes encontra apoio no pensamento de Dell’Isola (2007). Para ela, deve-se levar em conta a “adequação de um texto a determinada situação comunicativa” (DELL’ISOLA, 2007, p.17). Pensado assim, desconsiderar o contexto que pede formalidade na enunciação seria um procedimento inadequado. Essa assertiva vai ao encontro do que diz Bakhtin (1997) de que o uso da língua acontece em forma de enunciados nas diversas esferas da atividade humana, e estes enunciados carregam “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas” (BAKHTIN, 1997, p.279).

5.2. Adaptação ao gênero discursivo

Outra condição de produção que está explícita nos dados produzidos pelos alunos de Ciência da Computação é a necessidade de adaptação do texto ao gênero discursivo solicitado. De acordo com Matencio (2002), no processo de retextualização deve-se considerar “[...] além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, [...] espaço e tempo de produção/recepção”, também “atribuir novo propósito à produção linguageira” (Matencio, 2002, p. 113). No caso do gênero resumo, por exemplo, há especificidades que

não existem em outros gêneros. Esta afirmativa pode ser evidenciada no trecho a seguir da conversa mantida entre os escreventes durante a elaboração textual.

M: Sem contar que era resenha, você não pode dar sua opinião.

Pesquisador 1: Que era resumo.

M: É, que era resumo. Não pode dar sua opinião.

Pesquisador 1: Não pode dar opinião.

M: Tem que se prender ao que o autor falou.

ML: Porque não é sua opinião. Você tem que trabalhar em cima da opinião da outra pessoa. Então, nisso rola toda dificuldade, porque você tem que ficar preso, não tem jeito. Então, é mais... É como se, no caso, reprimisse a tua criatividade, por que...

M: Você tem que ser fiel ao que ele escreveu.

No excerto acima, verificamos que M e ML mostram estar cientes de que, diferentemente de outros gêneros que recebem influências de alguns elementos externos ao escrevente na sua produção textual (por exemplo, influências históricas e sociais), o gênero resumo não permite esse tipo de interferência, pois não admite julgamento por parte do transformador do texto original, ou seja, a opinião do produtor de um resumo descaracteriza o gênero. Esta compreensão da dupla está exemplificada nos seguintes recortes das falas dos escreventes: M – “É, que era resumo. Não pode dar sua opinião (...) tem que se prender ao que o autor falou”; ML – “Porque não é sua opinião. Você tem que trabalhar em cima da opinião da outra pessoa”. O comportamento dos escreventes está de acordo com o pensamento de Matencio (2003), para quem “o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas no texto base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação” (MATENCIO, 2003, p.3-4). Portanto, nesta nova situação de interação, no caso o resumo, os influxos sociais e históricos que dirigem as opiniões do produtor do texto base não têm o mesmo poder influenciador sobre o produtor do resumo, pelo fato de que este gênero não consente a emissão de opinião. O produtor do resumo precisa adequar-se à situação comunicativa que o objetivo do gênero discursivo exige.

5.3 A posição (papéis) que ocupam os locutores e os conhecimentos partilhados entre eles

O lugar de onde o locutor enuncia é de fundamental importância para o gerenciamento do discurso. O papel assumido pelo enunciador dará o tom necessário ao tipo de enunciação que seja apropriado à sua condição. Nos dois excertos a seguir veremos exemplos da

interferência que o lugar ocupado pelos interlocutores e o conhecimento compartilhado entre eles incide sobre a produção textual. Vejamos o primeiro excerto:

M: Roberto... O escritor.

ML: Não. Soa muito pobre isso.

M: Roberto Pompeu de Toledo, escritor da revista Veja, escreveu na edição 1371... (Risos).

M: Você escreveu aí, ó: Em seu artigo, “Os pássaros, a canção e a pressa”, publicado na revista Veja, Roberto Pompeu de Toledo... Mas esse *seu* aí pode ser? Em *seu* artigo...

Como vimos, a posição de alunos transformadores de um texto original ocupada pelos escreventes coloca-os em um espaço limitado de escolhas lexicais. Fora dessa condição (em uma conversa oral informal, por exemplo), as palavras eleitas para comunicar a ideia de Roberto Pompeu de Toledo poderiam não ser escolhidas com tanto cuidado, pois não estariam sujeitas ao mesmo tipo de avaliação que um aluno universitário produtor de um texto escrito submete-se. Portanto, ao assumir o papel de estudante universitário frente à responsabilidade de transformar um texto base em um resumo, os escreventes encontram-se dirigidos por um tipo de discurso que esteja em consonância com a situação comunicativa formal. O enunciador precisa pensar primeiramente em de que lugar ele está falando e, segundo, quem é o interlocutor de seu enunciado. Sendo o locutor um aluno e o interlocutor um professor, por exemplo, o enunciador, ao manter respeito pelo seu papel e pelo papel do receptor, produzirá um modelo de enunciado que seja apropriado a esse tipo de situação comunicacional. Bentes (2008) assevera que uma “*situação comunicativa* interfere na produção/recepção do texto” (BENTES, 2008, ps. 261-262). Assim sendo, o cuidado mantido pelos escreventes em escolher o tipo certo de enunciado reforça a ideia de que, nas condições de produção, o lugar ocupado por quem discursiviza e o lugar de quem recebe a emissão do enunciado influenciam diretamente no conteúdo do texto. De acordo com Marcuschi (2001), é o contexto de interação que determina os critérios para os falantes estruturarem sua fala, pois “[...] são os usos que fundamentam a língua” (Marcuschi 2001, p. 60). Vejamos, agora o segundo excerto:

M: Tem essa vírgula mesmo? *A tecnologia, como, por exemplo...*

ML: Ela colocou isso... Que eu tinha escrito errado. Ela pegou e colocou isso na minha prova.

No segundo excerto, a dupla conversa sobre a colocação ou não de uma vírgula em determinado ponto do texto. ML diz que a professora já havia lhe corrigido em outro momento em uma construção sintática parecida com aquela, em que ela (ML) deveria ter acrescentado a vírgula em um texto da prova, e não o fez. Tal observação reforça a ideia de que no papel de aluno sujeita à apreciação ou avaliação do professor, o escrevente adequa seu texto ao que se pede na interação comunicativa. Para Koch (2015), esse tipo de comportamento assumido pelos escreventes pode ser concebido como “estratégias socioculturalmente determinadas que visam estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal” (KOCH, 2015, p.39).

Se, por um lado, é possível conceber, nestes fragmentos da composição textual, a condição que ocupa o escrevente, por outro lado percebe-se também que se leva em conta o conhecimento que o aluno compartilha com a pesquisadora; conhecimento este que determina a escolha de colocar ou não uma vírgula em determinado ponto do texto. Assim sendo, além do contexto político-social e dos valores compartilhados entre os interlocutores, os conhecimentos comuns que eles dividem são elementos de grande importância na construção, enunciação, recepção e compreensão do texto. Bentes (2008) afirma que o contexto (situação de comunicação) é “entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos” (BENTES, 2008, p.251). Entre estas condições externas da composição textual estão os papéis dos interlocutores e os conhecimentos compartilhados entre eles.

5.4 A importância do interlocutor

Na seção tratada anteriormente, abordamos a importância do papel do locutor no direcionamento de sua enunciação. Agora veremos, também, que não basta cuidar do lugar de onde o enunciador está enunciando; é preciso levar em conta a importância do interlocutor, ou seja, para quem se está falando. Nesse sentido, deve-se considerar (ainda) o quanto o conhecimento partilhado entre o locutor e o interlocutor consegue causar um *feedback* entre eles. Tal cumplicidade torna possível manter a estabilidade de uma interação comunicativa, pois ambas as partes envolvidas na atividade elocutiva têm conhecimento do assunto em apreço. Nos próximos excertos veremos evidenciada, na fala dos escreventes, a importância que eles dão ao leitor do enunciado.

Pesquisador 1: (...) E tentam vários inícios para o resumo: *Roberto, o escritor... – Não, soa muito pobre. Roberto Pompeu de Toledo, escritor da revista Veja, escreveu na edição... Essas opções eram muito pobres?*

ML: É porque tem que... Se você, como diz o caso, se você tá fazendo um texto, se ele não começar bem, o restante também não vai ser bom. Então, assim, tudo... Uma coisa puxa a outra... É tudo encadeado no texto. Se você começar ele mal, a pessoa que vai ler teu texto, ela não vai se prender, ela não vai achar “Nossa!”.

Na fala de ML é perceptível a preocupação do escrevente com o leitor do texto: “(...) a pessoa que vai ler teu texto, ela não vai se prender, ela não vai achar ‘Nossa’”. O cuidado em manter a atenção do interlocutor demanda um trabalho elaborado do agente enunciativo na construção do enunciado. Esse tipo de ação do locutor encontra amparo na concepção de Koch (2015), que compreende que esse comportamento faz parte de um conjunto de procedimentos do ato comunicacional. Para a autora, esses artifícios “são estratégias socioculturalmente determinadas que visam estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal” (KOCH, 2015, p. 39). Vejamos outra parte da fala de ML: “se você tá fazendo um texto, se ele não começar bem, o restante também não vai ser bom. Então, assim, tudo... Uma coisa puxa a outra... É tudo encadeado no texto”. Nesse trecho, o escrevente explicita a importância do estabelecimento, da manutenção e da conclusão de uma boa comunicação textual.

Observamos que os dados processuais aqui apresentados são capazes de possibilitar a comprovação de que os elementos externos à comunicação, ou seja, as condições de produção textual, exercem grande influência sobre o enunciador durante a construção do enunciado. Mesmo sendo o resumo um gênero que não admite a opinião do escrevente, portanto limitando as influências externas dos escreventes sobre o texto construído por eles, há outros fatores das condições de produção que estão fortemente presentes nesse processo de construção textual que analisamos.

Conclusão

A análise dos dados processuais investigados nesse artigo mostrou vários elementos das condições de produção influenciando a escrita dos escreventes durante o processo de retextualização do gênero resumo na esfera acadêmica, o que confirma o pressuposto de Bakhtin (1997) que considera que o uso da língua ocorre dentro das diversas esferas da

atividade humana em forma de enunciados que carregam “condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas”.

Vimos como o meio de circulação do gênero discursivo é imprescindível para as escolhas linguísticas que os escreventes realizam relativas aos objetivos e ao grau de formalidade que serão utilizados na produção do texto. Essas escolhas demonstram preocupação com a construção de um texto cujo gênero discursivo tem características específicas e um objetivo específico: um resumo, que deve se guiar pelo texto base, escrito dentro de uma universidade. Esta preocupação coaduna com o pensamento de Matencio (2003) sobre as estratégias linguísticas utilizadas pelo autor do texto em uma nova situação interativa (MATENCIO, 2003, p.3-4), qual seja: “o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas no texto base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação”.

Outra constatação que fizemos foi sobre a importância que o interlocutor exerce para os escreventes na construção do enunciado, e o quanto essa importância possibilita a manutenção da estabilidade de uma interação comunicativa. O cuidado da dupla em manter a atenção do interlocutor demanda um trabalho elaborado na construção do texto. Para Koch (2015), esse comportamento faz parte de um conjunto de procedimentos do ato comunicacional. Segundo a autora, esses artificios “são estratégias socioculturalmente determinadas visam estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal” (KOCH, 2015, p. 39).

A pesquisa mostrou, ainda, a relevância da adaptação dos escreventes ao gênero discursivo, que compreende a necessidade de considerar espaço, tempo, interlocutor e atribuição de novo objetivo de sua produção linguageira. Para Matencio (2002), esse comportamento é imprescindível no processo de retextualização.

Concluimos, portanto, que a dupla do curso de Ciência da Computação obteve sucesso na realização da retextualização do gênero resumo dentro da esfera acadêmica, tendo em vista que conseguiu produzir um novo texto a partir de um texto base considerando as influências das condições de produção.

Referências

ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas*. Juiz de Fora: PPG Linguística/UFJF. 1/2010. p.64-74. ISSN: 1982-2243.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v. 1. São Paulo: Cortez, 2008.

DELL'ISOLA, R. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, M. L. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, p. 109-122, 2002.

_____. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*, março de 2003.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Cristiano Ribeiro dos Santos

Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil. E-mail: cristianoribeiro5@yahoo.com.br.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada, Universidade de Campinas (Unicamp); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br.

Lorena Lima Figueiredo Oliveira

Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil. E-mail: lima_lores@hotmail.com.